

Clarice Lispector: do espanto à profecia

Alessandra Rech*
Manoel Freire**

O RECEBIMENTO DE ARTIGOS PARA ESTE DOSSIÊ, intitulado *Representações do social em Clarice Lispector*, seguiu, curiosamente, uma evolução de abordagens em torno da obra da autora, das mais diretas para as mais herméticas. Em um primeiro olhar sobre a crítica, de uma forma geral, tradicionalmente poucos são os textos de Clarice atrelados ao social. Entre os escritos que remetem mais claramente às questões de seu tempo estão a crônica que denuncia o episódio de captura de Mineirinho, um criminoso conhecido no Rio de Janeiro, alvejado pela polícia com 13 balas na madrugada de 1º de maio de 1962; e o romance *A hora da estrela* (1977).

A violência policial e a repercussão midiática em torno do assassinato – momento em que entra em cena a violência simbólica dos meios de comunicação de massa – não escapam à sensibilidade da autora de *Um grama de radium – Mineirinho* (1962). A comoção social estava posta: a divulgação do episódio acabou levando mais de duas mil pessoas ao enterro desse anti-herói urbano. Mais tarde, nos duros (e profícuos) anos de 1967, sua biografia viraria filme: *Mineirinho vivo ou morto*, de Aurélio Teixeira.

Já a tragédia de Macabéa poderia ser mais uma entre as narrativas sobre o flagelo da seca no Nordeste do país e suas consequências nas trajetórias individuais, não fosse o singular olhar clariceano. Passados exatos quarenta anos do lançamento de *A hora da estrela*, o papel estratégico do narrador, o feminino, o destino e as intertextualidades várias surgem entre os estudos aqui reunidos, dando conta de sua dimensão semântica, apontando ao mesmo tempo para múltiplas possibilidades de abordagem da narrativa clariceana.

Gradativamente, recebemos artigos que se somam para uma perspectiva mais ampla acerca das representações do social em Clarice Lispector, no ano em que se completam quatro décadas de sua morte. São esses olhares que constituem a maior parte

* Editora convidada. Doutora em Letras – Literatura Brasileira pela UFRGS. Professora colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura da UCS.

** Editor convidado. Doutor em Teoria e História Literária pela UNICAMP. Docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Letras da UERN.

dos títulos selecionados para esta edição da *Antares*, os quais revelam, sob diferentes ângulos, novas dimensões dos textos de Clarice.

O drama íntimo que se estabelece no quarto da empregada, em *A paixão segundo GH* (1964), mais frequentemente tomado como uma busca de Clarice pelo transcendental, não poderia permear a denúncia sobre mundos socialmente opostos que, diariamente, cruzam-se no ambiente doméstico? Mergulhar no universo do outro, exercício literário em essência (e social, por conseguinte) é tarefa a que Clarice Lispector não se furta, embora o faça de seu território íntimo de estranhamento, que pode ser o banco do ônibus, como no conto “Amor”, publicado pela primeira vez em 1960: “alguma coisa intranquila estava sucedendo. Então ela viu: o cego mascava chicletes... Um homem cego mascava chicletes”. Reconhecer o espanto primeiro diante da diferença talvez seja mesmo o único caminho para de fato encontrar o outro, ou como define Maturana (1998, p.22), “aceitá-lo como um legítimo outro na convivência”.

Desse modo, a proposição do dossiê resultou em achados reveladores. Em *A Bela e a Fera, A mulher que matou os peixes, A partida do trem...*, entre outros textos analisados neste dossiê, encontram-se possibilidades de leitura que contemplam um social que clama por ser recolocado no centro do debate, em tempos de exaltação do liberalismo e da naturalização dos crimes contra o povo brasileiro, que vê distanciar-se cada vez mais a possibilidade de construção de uma sociedade mais justa e mais humana... Cumpre-se, assim, o desejo de expandir o horizonte de leituras acerca da obra de Clarice, apontando-se para aspectos ainda não (ou muito pouco) explorados nos textos da escritora.

A palavra ‘horizonte’ evoca, no entanto, um viés que passou ao largo das leituras reunidas aqui. Em tempo: os textos de Clarice a respeito da capital federal – *Brasília: cinco dias* (1964) e *Brasília: esplendor*, (1974) – são frutos de um choque pessoal em duas visitas à cidade “construída na linha do horizonte”. Eles assemelham-se na estrutura, algo como uma reunião de aforismos que oferecem a dimensão da fratura histórica que representou o acontecimento político de sua época: a construção de uma “Babel às avessas”, como pontua Jens Andermann (2012, p.1), em *A expedição do Planalto: notas para uma história espacial de Brasília*:

Em lugar de empregar a ciência do arquiteto para elevar a visão humana às alturas divinas do conhecimento onividente, os criadores da capital desenvolvimentista do Brasil diretamente pressupunham a plataforma de visão que, segundo o mito bíblico, havia materializado a ambição pecaminosa do homem. A cruz axial em forma de aeroplano sobre a qual Lúcio Costa havia mapeado a paisagem urbana modernista parece condensar de uma maneira alegórica a noção de uma utopia perspectivista que

se tornara possível através do progresso tecnológico ao mesmo passo de reconectá-la à sua origem religiosa.

Como visto, as implicações simbólicas de tal empreendimento são muitas e não escapam à escritora. Na visão de Clarice, “Brasília é o fracasso do mais espetacular sucesso do mundo. Brasília é uma estrela espatifada” (1975, p.9-33). A luz intensa no cerrado, a proeminência de um projeto que se sobrepõe à existência cotidiana, a falta de esquinas, de bares e de gente constitui uma fantasmagoria: “Socorro! Socorro! Help me! Sabe qual é a resposta de Brasília ao meu pedido de socorro? É oficial: aceita um cafezinho?”, ironiza a autora, no mesmo texto, que por vezes parece uma tentativa de conciliação, mas que acaba reforçando o asco expresso na primeira crônica: “Foi construída sem lugar para ratos. Toda uma parte nossa, a pior, exatamente a que tem horror a ratos, não tem lugar em Brasília. Eles quiseram negar que a gente não presta” (1964, p.162-167). A escrita de Clarice costuma transitar do espanto à epifania. Nesse caso, seu olhar sobre Brasília é também profético: “mas os ratos, todos muito grandes, estão invadindo.”

Quiçá as representações do social reunidas nesta edição possam se configurar como ponto de partida para muitas outras expedições ao texto clariceano.

Referências

ANDERMANN, Jens. *A Expedição do Planalto Central: notas para uma história espacial de Brasília*. São Paulo: Terra Brasilis, revista digital da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia da História, n.6, 2012. Tradução de Aquiles Alencar Brainer. Disponível em <http://journals.openedition.org/terrabilis/368>. Acesso em 21 de dezembro de 2017.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

_____. *A paixão segundo G.H.*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1964.

_____. Brasília: cinco dias. In: *A legião estrangeira*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1964.

_____. Brasília: esplendor. In: *Visão do esplendor (impressões leves)*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

_____. Amor. In: *Laços de família*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.

MATURANA, Humberto. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Tradução: José Fernando Campos Forte. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998.